Hontem referiu-nos um conterraneo, ha muitos annos ao serviço da advogacia no interior, que, ainda não ha muitos dias, elle com outros companheiros desciam o rio Juruá, quando encalhou a canôa em umas pedras.

O dono ordena ao remador, que era cearense, saltasse nagua para desembaraçar o vehiculo, e o pobre respondeu que lhe era impossivel, porque não sabia nadar.

Sendo-lhe terminantemente ordenado, cumpriu o desgraçado a ordem e ficou com as mãos presas ás bordas da canôa. O dono vociferando injurias, com os pés, magoando as mãos do remador, fez este largar o ponto de apoio, e logo dentro de pouco desappareceu, morrendo afogado.

Ao chegar ao seu seringal communicou ás auctoridades ter fallecido aquelle miseravel de apoplexia e o seu officio foi confirmado por innumeras testemunhas de vista.

Como os advogados vivem aqui de apatrocinar as causas dos ladrões, dos bandidos, dos infames, dos assassinos vulgares, não têm nem terão jamais coragem para denunciar ao poder competente actos de brutalidade desta natureza; porque os lucros estão na bolça do mandão criminoso, que pagando-lhes bem o seu trabalho e a consciencia dos jurados, nada perde, nada soffre, e fica-lhe ainda a certeza de que pelo mesmo systema dentro em pouco recuperará na ladroeira o que por acaso tiver perdido.

Recupera muito mais, porque fica mais timído e respeitado. Nem a lei pode com elle!

O dinheiro do Amazonas é como que um dinheiro amaldiçoado, que não aproveita a ninguem, sendo como é ganho á custa de lagrymas, de sangue, de muito crime.

Quem estiver longe deste Estado não póde absolutamente avaliar quantos crimes se escondem sem punição para haver-se dinheiro por mil modos cada qual mais indigno, mais infame.

Apesar de todas as contrariedades porque passam os cearenses, elles se habituam dentro em pouco a vida de provações do interior.

Affazem-se docilmente ao trabalho pesado, identifi-

cando-se com o clima, com os costumes, com a alimentação, com tudo enfim

O Dr. Fileto Pires Ferreira, no seu Relatorio apresentado ao Congresso Estadoal em 4 de Março de 1897, diz: que o Estado do Amazonas tendo prosperado, experimentava ainda difficuldades no seu commercio, na sua industria e agricultura.

Luctando tenazmente contra a falta de braços e de capitaes, só a energia mascula do brazileiro e mais ainda a afoiteza do cearense podia levar o Estado a prospera e lisongeira situação que vae atravessando.

E' uma verdade.

Nota-se, entretanto, muito de leve uma certa prevenção dos amazonenses contra aquelles que com sacrificios mais têm concorrido para o desenvolvimento do Estado.

Allegam todos que os cearenses são senhores da terra, que dispõem de muito dinheiro, que gosam de todos os bens que dá o trabalho.

Contestamos, e preguntamos desprevenidos de qualquer sentimento menos digno: Onde é que está no Estado do Ceará o estabelecimento commercial, a fazenda modelo, o predio de luxo, a instituição qualquer que tenham sido fundados com dinheiro do Amazonas?

Não ha absolutamente no commercio, sinão uma casa que se fez com os recursos adqueridos no Ceará apesar da sua pobreza, e esta é a do Exm.º Barão de Ibiapaba, a qual constitue a fortuna maior que se conhece da Bahia á Manáus.

Outras inferiores, mas que se mantêm dignamente, foram formadas da mesma maneira.

Não consta que naquelle Estado exista estabelecimento, fazenda, predio levantado com dinheiros de seringaes.

Ha vinte e um annos que a população dalli vem e vae do interior, leva *muito dinheiro*, como se diz á bocca cheia, mas o que é certo é que esta riqueza apenas chega para a manutenção de familias pobres.

Não ha noticia de que alguem tenha enriquecido com dinheiro do Amazonas.

E' muito verdade, que o Ceará recebe annualmente algumas dezenas de contos, enviados pelos emigrantes que muito auxiliam ao commercio, a pequena lavoira, a industria pastoril; mas isso se consome tão rapidamente quanto mais urgentes são as necessidades dos beneficiados.

Que é das grandes casas millionarias dos cearenses na propria capital da Amazonia?

Podemos aponta-las.

E quem reflecte um pouco sobre o estado das coisas, não pode deixar de se affligir ao ver que o cambio tende a subir e as difficuldades commerciaes a augmentar.

E' facto inevitavel.

Ora, si por infelicidade o cambio sobe, que fica sendo a riqueza do cearense?

Perdeu seu tempo e o seu trabalho, e apesar de tantos sacrificios, elle só tem uma verdade a meditar e é que se tivesse com a sua dedicação procurado algum Estado do sul, já teria feito um peculio, que aqui não fez, nem fará nunca.

Manáus, que sempre foi uma cidade em extremo salubre, até ha pouco tempo, hoje pela derrubada da matta dos igarapés e principalmente pelo serviço de excavação de todas as ruas e praças, tornou-se um fóco de molestias, de febres de mau caracter, que tem inutilizado o trabalho de certa parte da população válida.

Não se pode contar com a saude em clima tão falso, como está hoje o desta capital, e os cearenses por formarem a maioria dos moradores, são os que soffrem perdas na razão directa do numero.

Comparemos agora a emigração italiana para S. Paulo com a cearense para a Amazonia, e vejamos qual das duas traz mais vantagens ao paiz.

Todo o mundo sabe que a colonia italiana trouxe e continua a trazer para o Brazil os mais finos e *civilisados* gatunos da Europa, os narcotizadores, os anarchis-

tas, os desordeiros, os moedeiros falsos, que já têm na capital do Estado de S. Paulo dado copia de sua insubordinação, arrastando pelas ruas da cidade insultuosamente o pavilhão nacional; e como algum brazileiro de sangue mais quente não se poude conter diante do desacato feito a sua patria, e mandou para a eternidade aquelles *innocentes*, teve o Governo da Republica que pagar a mil contos por cabeça.

O elemento de desordem continua plantado por alli á fóra, e não ha que reclamar, italiano morto, indemnisação de 800 á 1000 contos!

S. Paulo, com os milheiros de italianos que lhe entram annualmente, ha de mais cedo ou mais tarde arrepender-se; pois que o elemento novo é formado da massa revolucionaria, anarchista, communista, nihilista, etc., que sómente trata de embaraçar e transviar a bôa vontade do Governo, que emprega esforços para que a prosperidade no paiz seja uma realidade.

Quantas prisões, quantos processos não tem soffrido, quanto trabalho não tem dado essa gente, que veiu plantar o principio de desrespeito aos poderes contituidos?

Quem não respeita ao governo do paiz onde se hospeda, a que é que pode submetter-se?

E os cearenses tão mal vistos, calumniados, tão desprezados o que é que já fizeram que traga perigo a paz do Estado?

Têm feito o que lhes é possivel pelo futuro da terra que os tem agasalhado, que os tem recebido de braços abertos, e elles vão por gratidão á sua proverbial hospitalidade, se affeiçoando á mesma terra, enlaçam-se ás filhas da majestosa Amazonia, e deixam de uma vez a terra da patria.

Logo, o cearense abdica o direito de filho d'aquella terra querida para fazer-se natural do Amazonas, a que fica pertencendo d'ahi em diante por si e por seus filhos.

Tendo dito quanto sufficiente sobre a emigração para o Amazonas, como um acto de energia do povo cearense,

por que só elle podia desbravar as suas inhospitas regiões, entremos agora na apreciação do maior feito do Brazil, daquelle que fez nascer a Republica.

Queremos falar da libertação total dos escravos do Ceará, a 25 de Março de 1884.

Um dia, uns rapazes de talento e coração resolveram aggremiar-se para o fim de terminar de uma vez o captiveiro no paiz, e de feito fundaram a «Sociedade Cearense Libertadora» no dia 8 de Dezembro de 1880.

E' preciso confessar que a idéa partiu de uma associação commercial, da «Perseverança e Porvir».

Constitue o acto da eleição da directoria uma das mais bellas paginas da historia cearense, e por isso não nos podemos furtar ao desejo de referi-la.

Tendo-se por mais de uma vez suspendido as sessões por tumultuarias, em consequencia do desaccordo entre uns socios que queriam se fizesse estatutos e outros que a elles se oppunham, foi pelo presidente provisorio, João Cordeiro, designado o dia 30 de Janeiro de 1881 para definitivamente decidir-se sobre o assumpto.

No domingo mais proximo, ao meio dia, compareceram uns vinte socios na antiga «Bolça do Commercio», á praça José de Alencar, e logo João Cordeiro fê-los entrar para uma sala no fundo daquella casa de commercio, adrede preparada, a qual havia elle dado o nome de *Sala de Aço.*

Alli achava-se uma mesa grande, coberta com um panno preto, duas lanternas nos extremos e vinte cadeiras em torno.

Depois de fechada a porta da entrada e accesas as velas das lanternas, João Cordeiro, que occupava o centro da cabeceira, ergue-s se sacando da cava do collête um punhal, atira-o com força no meio da mesa, onde ficou cravado, oscilando sinistramente ao reflexo das luzes e disse: Meus amigos, exijo um juramento sobre este punhal de cada um de nós, para matar e morrer, se fôr preciso, em bem da abolição dos escravos.

Vamos travar lucta terrivel com o governo, e por isso está muito em tempo de retirar-se aquelle que fôr amigo do mesmo governo ou delle fôr dependente.

Quem não tiver coragem para tanto pode sahir, que ainda está em tempo; e logo retiraram-se onze, cujos nomes por compaixão occultamos do desprezo publico.

Juraram de conformidade com o cargo que cada um exercia na assossiação provisoria o Presidente João Cordeiro, o vice-Presidente José Amaral, o 1.º secretario dr. Frederico Borges, o 2.º dito Antonio Bezerra, Antonio Martins, José Theodorico, José Barros, José Marrocos e Izaac Amaral.

João Cordeiro ditou para o 2.º secretario as palavras seguintes, que ficaram na sociedade servindo de estatutos.

Art. 1.º—Um por todos e todos por um.

§ Unico.—A sociedade libertará escravos por todos os meios ao seu alcance.

Sala de Aço, 30 de Janeiro de 1881.

E todos os presentes assignaram.

Em seguida disse ainda João Cordeiro, que para não serem trahidas as correspondencias relativamente a furto de escravos, que cada um tomasse o seu pseudonymo.

Elle chamou-se Juarez, José Amaral chamou-se Cezar, Dr. Frederico Borges tomou o nome de Spartacus, Antonio Bezerra o de Risakoff, Antonio Martins o de Pery, José Marrocos o de O. Conell e os outros outros nomes.

Antes de encerrar a sessão Cordeiro tambem disse ainda, que era de necessidade uma escripta especial, e entendida somente pelos consocios, e para aquelle fim pedia se concordasse ficar valendo o z o a, assim sempre recuando uma lettra, isto é, o z seria o a, o a seria o b, o b seria o c e assim por diante.

Ficou isso sentado, e por esse systema muitos escravos foram passados de umas casas para outras, sem medo de compromettimento para os chefes da associação, que se correspodiam á vontade.

Finda a sessão, nos salões da Bolça do Commercio,

propriedade do consocio José Barros, por mais de uma hora reinou enthusiastica animação, brindando os socios á champagne a «Libertadora Cearense» ao Ceará livre, aos soldados da grande idéa, ao povo soberano.

Ha no percurso de 3 annos, tempo que durou aquella lucta pela liberdade, actos de abnegação e patriotismo admiraveis.

Ninguem póde esquecer de tão cedo a attitude mascula e destimida dos jangadeiros, fechando os mares ao trafico da carne humana.

O seu chefe ficou cognominado na historia—Dragão do mar.

Um dos dias de mais gloria para a associação, e que decidiu de seu futuro, foi o 30 de Agosto de 1881, quando o governo procurou afogar em sangue a nascente sociedade, e oppôz á sua resistencia toda a força existente na capital.

Foi batido por um acto de desespero dos libertadores.

O vapor «Espirito Santo», ancorado no porto, devia sahir á tarde para o norte, e o chefe de Policia Dr. Torquato Vianna, no trapiche, tendo á vista tres escravas do capitão Camerino Facundo de Castro Menezes, do Pará, pretendia á todo tranze embarca-las para inutilizar a resolução dos jangadeiros, que passara a axioma: No porto da Fortaleza não embarcam mais escravos!

Havia na praia tropa de Policia, de guarda civica, e um piquete de cavallaria, e em frente a massa compacta do povo, que gritava de quando em vez: Não embarca, não embarca!

O chefe de policia enfurecido discutia com os libertadores, e ameaçava levar tudo a ferro e a fogo, si não embarcassem as negras.

Empregou todos os meios ao seu alcance para bem sahir-se da commissão, de que lhe encarregara o Presidente Dr. Pedro Leão Velloso, quando n'um segundo o *libertadeiro*, João Carlos da Silva Jatahy, carregando as pretas, que passaram pela frente do Dr. chefe de Policia,

mette-as n'um carro, trazido por Candido Maia, e vôa com ellas para esconderijo seguro.

Partiu o vapor, e de quando em quando o povo no auge do delirio e do enthusiasmo gritava: No porto da Fortaleza não embarcam mais escravos!

O governo começou a derrubada.

Demittiu o Dr. Frederico Borges, de promotor da capital, aos moços Francisco Ferreira do Valle e Francisco de Serqueira Mano, de intendentes da guarda-civica, a Francisco José do Nascimento, o chefe dos jangadeiros, de pratico e pratico-mór da barra; removeu o destimido Coronel Francisco de Lima e Silva, do commando do 15 batalhão, estacionado na cidade da Fortaleza para a capital da Bahia.

E não teve mais termo a perseguição aos *libertadeiros*, como eram conhecidos os abolicionistas pelos inimigos da liberdade.

Foi demittido o Dr. Almino Alvares Affonso, de procurador fiscal dos feitos da Fazenda Geral, e o Dr. Pedro Augusto Borges, removido para o Chopin, no Rio Grande do Sul, e o bravo batalhão 15 foi deportado para o Pará, onde soffreu innumeras baixas nas suas fileiras devido ás molestias.

Outros soffreram processos, perseguições, suspensões dos cargos, córtes nos vencimentos; mas cada vez mais crescia o fanatismo pela nobre idéa.

Na vespera do dia 30 de Agosto, alta noite, quando os libertadores José Amaral, Dr. Pedro Borges, Antonio Martins, José Marocos, Francisco José do Nascimento e Antonio Bezerra, no canto da Rua Major Facundo, esquina da de S. Bernardo, accordavam acerca da posição que se devia tomar, caso morresse algum dos companheiros, victima das balas do governo, ficou sentado sob juramento que Francisco José do Nascimento, que era o que menor familia possuia, assassinaria o chefe de Policia, e este o prometteu por sua honra; e no outro dia, convenientemente armado acompanhou aquella auctoridade em todos os seus passos no trapiche, até que, não embarcando as escravas, retirou-se a força e o chefe

della, que ainda hoje é opinião nossa, fez por medo que não vira as pretas na occasião em que passavam do trapiche para o carro.

Na praia não tinha menos de seis mil homens, e até a ultima hora gritavam sempre: No porto da Fortaleza não embarcam mais escravos!

Cada dia que se passava, era mais uma gloria que assignalava o engrandecimento da patria.

Resoava já por todos os lados o canto estridente dos revolucionarios do bem:

Allons enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé!

Os libertadores desfraldavam ao longe pelas cidades e villas do interior o estandarte branco da liberdade, e começando a emancipação na gloriosa terra do Acarape, hoje terra da Redempção, no 1.º de Janeiro de 1882, seguiram-se quasi logo não menos galhardamente os municipios de S. Francisco de Uruburetama, Pacatuba, a mimosa cidade do Icó, Canôa, hoje Aracoyaba, Messejana, S. Francisco de Canindé e outros.

As commissões, tiradas da *Libertadora*, percorriam de uns para outros pontos a grande extensão da antiga provincia.

Não se creia que lhes corria tudo em mar de rosas, não; tiveram de supportar muita grosseria, muito encommodo, até fome, que os negreiros lhes negavam pão e agua.

Notava-se um odio implacavel aos que pertenciam a *Clejalidade* como chamavam a *Libertadora*.

Afóra os processos e chamados a Policia, soffreram ainda emboscadas das quaes escaparam milagrosamente.

Entre elles a um, Antonio Bezerra, a Policia mandou andar armado, tanto receio tinha de que lhe tirassem a vida.

Ninguem descançava, estavam reunidos continuamente á todas as horas, e quando um mais destimido roubava, por exemplo, um escravo do Presidente da Provincia,

como o do Barão de Guajará, os outros approvavam, sem restricções, o procedimento do louco, como era qualificado.

Os escravos do lado do poente eram escondidos no lado opposto, e os deste naquelle.

Rara era a casa de familia, na qual não se guardasse um, dois e mais infelizes do captiveiro, com ordem expressa de não porem o pé na rua.

Chegou o dia 24 de Maio de 1883, dia da festa maior, mais deslumbrante a que temos assistido desde S. Paulo até Manaus.

Solemnisava-se a libertação da capital, e o povo em delirio traduzia a sua alegria em manifestações de intenso prazer.

Tudo se inventou para maior brilhantismo daquelle glorioso dia.

Cantos, musicas, poesias, discursos, passeiatas, illuminações, risos, expansões de prazer, tudo, tudo se notava no enthusiasmo e contentamento da população.

Lá, nos arrabaldes onde não haviam chegado os enfeites de que se encarregara a commissão do embellezamento da risonha cidade, os mais pobres, aquelles que tinham por tecto singellas choupanas, illuminavam com velas de carnauba, fincadas n'areia, a frente de suas casas.

Festa egual áquella nunca os nossos olhos viram e não verão jamais.

Lembramo-nos neste momento de um facto, que vem ainda mais levantar o nome dos libertadores.

Faltando ainda quatorze contos para completar a importancia orçada á libertação da capital, nomeou a *Libertadora* uma commissão composta dos Exms. Snrs. Barão de Ibiapaba, Barão de Aquiraz, General Antonio Tiburcio, Desembargador Souza Mendes, Commendador Luiz Ribeiro, negociante Seixas Correia, Victoriano Borges e outros, para fazerem um appello aos amigos e defensores da mesma idéa. Reunida dias depois a commissão, no palacête do «Club Cearense», pelas 5 horas da tarde, o general Tiburcio falou e disse que só se tinha podido colher pouco mais de sete contos; porem que o Exm.

Barão de Guajará, presidente de então, mandara offerecer as sobras do fundo da emancipação, que calculava seriam quatorze contos.

Suas palavras foram ouvidas com attenção religiosa; mas logo que tratou de se acceitar dinheiros do Governo, os libertadores presentes e mais outros amigos proromperam em gritos e n'uma só voz bradaram: Não se deve acceitar !

E logo sobre a mesa, no logar que occupava João Cordeiro, amontuaram relogios, correntes, anneis de brilhantes, e ainda João Carlos da Silva Jatahy replicou: Si não chegam, hão de chegar os valores das joias das nossas mulheres !

Nada do governo comnosco!

Os municipios desputavam entre si emancipar os escravos uns primeiro que os outros.

A Libertadora havia mandado uma commissão para assistir a festa por occasião da libertação de Canindé, a 4 de Outubro de 1883. libertação esta que foi promovida pelo *libertadeiro* Antonio Cruz Saldanha.

A esta commissão acompanhava outra de respeitaveis senhoras, enviada pela sociedade das *Senhoras libertadoras*.

E' impossivel descrever se o que se passou naquelle dia.

Coincidiu justamente a festa do padroeiro com a da libertação do municipio, e por isso a população affluiu em massa dos pontos circumvizinhos, achando-se pelas 10 horas do dia, quando começou o acto na nave da egreja matriz, para mais de cinco mil pessoas.

Foi um delirio.

Antonio Cruz não se poupou a sacrificios, e muita gente ainda hoje recorda com saudades aquella data gloriosa,

Nada faltou para a solemnidade do acto.

A sessão magna esteve imponentissima, e o povo cumpriu o seu dever, saudando aos heróes do movimento civilizador.

Após a sessão a passeiata. após a passeiata uma

partida, onde compareceu o que o municipio tinha de mais selecto e mais distincto.

E' sempre agradavel recordar o passado, e muitissimo mais quando nelle estão incluidas scenas da nossa vida.

Desperta-nos neste instante a lembrança de um crime, que commetteram os libertadores naquelle canto da terra. que revella o fanatismo de que estavam todos possuidos,

Era o absurdo batendo o absurdo.

Pela manhan do dia 5, appareceram na casa onde estava hospedada a commissão Libertadora, uns vinte escravos do Piauhy a chorar e a pedir que se lhes desse a liberdade.

Era impossivel ceder aos seus desejos, e os libertadores achavam-se contrariados de não poderem aliviar-lhes os soffrimentos.

Os pretos continuavam a chorar e a maldizer-se, quando o Dr. Frederico Borges, actualmente deputado ao Congresso Federal, concordou com os demais companheiros presentes para que se attendesse ao pedido daquelles infelizes.

Mandou vir papel, e ordenando ao 1.° secretario que escrevesse o que elle mandasse, começou a passear de um para outro lado da sala dictando as cartas seguintes, que foram todas do mesmo teor:

Nós abaixo assignados, membros da terrivel associação *Libertadora Cearense*, restituimos a liberdade ao cidadão Fulano......, e lhe ordenamos que si, pretendendo voltar a terra de sua residencia, o seu ex-senhor quizer obriga-lo ao captiveiro o poderá matar com uma faca bem grande que lhe atravesse o coração de uma banda para outra.

Canindé, 5 de Outubro de 1883.

Assignaram as cartas os senhores: Dr. Frederico Augusto Borges, Antonio Bezerra de Menezes, Antonio Cruz Saldanha e José Joaquim Telles Marrocos.

Os pretos riam de verdadeira alegria, e quasi no mesmo dia voltaram para o Piauhy.

Dentro em pouco aquelles loucos tornaram a For-

taleza em plena liberdade, pois que os seus senhores, em vista daquelle documento, não os quizeram mais conservar em sua companhia.

Estas loucuras foram o começo da patria livre que tanto amamos, e que vae pelo governo republicano se impondo ao respeito e estima do velho mundo.

Naquella luta terrivel, o governo afinal tornou-se sem força para agir contra o movimento libertador. Sancho de Barros Pimentel dizia que a «Libertadora» era o escolho onde naufragavam as administrações. Está escripto.

O governo não tinha mais a quem demittir, a quem remover, a quem desterrar.

E a idéa ia por diante triumphante e gloriosa.

Libertada a capital foi facil libertar o resto da provincia; pois que todos o queriam, todos o desejavam.

As agradaveis noticias do interior chegavam á capital de dia a dia, e de dia a dia esse ou aquelle municipio dava motivo para festas solemnissimas.

O Exm. Conselheiro Antonio Marcellino Nunes Gonçalves, grande do Imperio, fez todos os esforços para conseguir a sua escrava Francisca, mas nunca teve esse prazer.

Quando em Outubro de 1883 o chefe de Policia, Dr. Benjamin, fingindo-se abolicionista para illudir os libertadores, conseguiu prender aquella escrava, o Juiz de Direito, Dr. Joaquim Barbosa Lima, deu-lhe habeas-corpus.

O chefe de Policia não se conformou com o despacho daquella auctoridade, e a escrava continuou retida.

Contra semelhante procedimento deu queixa ao Tribunal da Relação o Juiz de Direito, e a auctoridade arbitraria foi pronunciada, e teria soffrido muito mais do que soffreu, si a seu favor não viesse o empenho do ministro Dr. Prisco Paraizo.

Foi logo dispensado da commissão da Policia e nomeado Juiz de Direito de Jaguaribe-mirim, e foram tantos e tão profundos os desgostos por que passou na questão da escrava Francisca, que finou-se pouco tempo depois.

Francisca nunca sahiu do Ceará, e ainda hoje go... alli dos privilegios que lhe trouxe a liberdade.

Chegou felizmente o dia 25 de Março de 1884, e á uma hora da tarde, no meio dos vivas e palmas de uma população em delirio, ao som das salvas da artilharia e foguetes que aos milhares estrondeavam no ar, declarou o Exm. Dr. Satyro Dias, presidente da então provincia do Ceará, ao paiz e ao mundo que na terra cearense não havia mais escravos!

As festas por motivo desta data gloriosa seguiram-se sempre animadas, sempre concorridas, sempre imponentes até 31 do mesmo mez.

Não é fora de proposito uma ligeira reflexão acerca da libertação total dos escravos da provincia.

O Ceará acabava de atravessar a hedionda quadra da secca, nos annos de 1877 a 1879, tres annos de soffrimentos e de miserias, e em 8 de Dezembro de 1880 fundou a sociedade «Libertadora», que deu em resultado a liberdade de todos os captivos em numero de 35.503.

Com o coração a sangrar ainda pela lembrança das luctuosas scenas da terrivel calamidade, e já sorria de contentamento pensando que dentro de pouco iria hombrear com as nações livres e cultas!

Victor Hugo, o maior genio do seculo das lettras, saudou de modo esplendido a terra da luz, e prophetizou que o exemplo do Ceará havia de passar ao resto do Brazil.

Foi o que se deu.

O Amazonas acompanhou ao Ceará nas mesmas expansões, com o mesmo enthusiasmo.

As duas grandiosas terras apesar do seu grande patriotismo, da sua grande abnegação, só tiveram imitadores coagidos pela lei de 13 de Maio de 1888.

Foram livres á força de um decreto imperial!

Nós e os amazonenses tinhamos no coração a consciencia da nossa grandeza, que em se tratando de liberdade, não precisava que nos impusessem o cumprimento do nosso dever.

O povo dos dois Estados lavou a nodoa do pavilhão

nacional antes dos outros, que se ufanam de mais ricos e de mais adiantados.

Foi energica, renhida mesmo aquella batalha contra o direito de um homem sobre outro, propriedade amparada por lei, protegida pelo governo, pelos interesses de todos; mas por fim a força do direito domou ao direito da força, a civilização aos preconceitos, a justiça ao despotismo, e a liberdade em triumpho egualou todos os homens sem derramar-se o sangue de irmãos.

O glorioso feito de 25 de Março de 1884 apressou o de 13 de Maio de 1888, e este o de 15 de Novembro de 1889.

O 7 de Setembro, nascido nos campos do Ipiranga, trouxe a nossa emancipação politica, conseguida quasi á força pelos patriarchas da liberdade; mas aquella carta admittia a escravidão de milhares de brazileiros. O 15 de Novembro, porem, instituiu o governo do povo pelo povo e deu-nos uma constituição mais ampla, mais livre, e mais grandiosa.

Um dos actos de muita ufania para o Ceará no dominio republicano, que traz para o Brazil grande somma de gloria, é sem duvida a attitude mascula, energica, indomavel do Dr. Abel Garcia, por occasião do golpe de Estado de 3 de Novembro de 1891.

Fundada a Republica e já perfeitamente encaminhada, dirigia o seu destino o Marechal Deodoro da Fonseca, auxiliado pelo ministerio Barão de Lucena, quando naquelle dia, de modo absurdo e absoluto, dissolveu o Marechal o Congresso Nacional, ferindo de morte a Constituição dos Estados Unidos do Brazil.

Esta noticia chegou ao Ceará, que era então governado pelo General José Clarindo de Queiroz, a 4 de Novembro, e nesse mesmo dia o Dr. Abel Garcia, um dos moços mais distinctos de então, cuja independencia de caracter sempre foi e é reconhecida e respeitada de todos, como um dos redactores do «Libertador», pu-

blicou o esplendido artigo sob a epigraphe «A Republica em perigo», no qual pregava a insubmissão áquelle acto de força, que, como muito bem disse, era uma vergonha nacional.

O seu artigo, escripto em linguagem vehemente e forte, é um exemplo de energia, um grito de guerra contra a invasão arbitraria do poder, um appello aos republicanos para salvarem a Republica prestes a cahir do pedestal de gloria, que tanto havia custado aos verdadeiros patriotas.

O Governador Clarindo adherira logo á nova politica do gabinete Lucena, e como elle servilmente a maioria dos Estados.

O Dr. Abel Garcia, que foi o primeiro a gritar ás armas, no dia immediato ao Golpe de Estado, vendo-se em desaccordo com os demais redactores do jornal, publicou ainda o artigo «O Libertador e a Dictadura», que traz a sua assignatura, e declarou desligar-se da redacção do referido jornal, por não quererem com elle manter os companheiros a solidariedade no combate á Dictadura.

Este artigo dá uma mostra bem significativa da independencia e hombridade com que se batia o moço libertador. Elle tinha confiança demais na sua coragem e lealdade de republicano para não deixar corromper o seu querido ideal.

E não querendo assistir a subserviencia dos que batiam palmas ao crime do Chefe da União, retirou-se indignado, e por muito tempo não appareceu, nem fez mais união com os seus antigos companheiros do «Libertador».

Mas dias depois tinha elle a consolação de saber que tinha tido imitadores.

Embora posteriormente, o Dr. Lauro Sodré, no Pará, e o Dr. Julio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, protestaram contra o acto da Dictadura, e estes heroicos paladinos, levando bem longe o echo da indignação dos republicanos sinceros, viram dentro em pouco coroados os seus desejos e esforços, pois que o Marechal Floriano

Peixoto, o heróe dos heróes, salvára a patria daquella indignidade.

O Dr. Abel Garcia soffreu desgostos, mas teve a sua compensação:—a Republica salvou-se, e a patria engrandeceu-se sob o seu benefico influxo.

Os homens de merito tem de quando em quando as suas horas de contentamento.

Quando um dia a historia, inexoravel como é, lembrar-se de fazer justiça aos que mais concorreram para o engrandecimento do Brazil, os serviços do Dr. Abel Garcia hão de ser compensados com os affagos que ella sabe dispensar aos privilegiados.

Espere o illustre cidadão, que ella tarda, mas não falta.

Não podemos furtar-nos ao desejo de, continuando este ligeiro estudo, dizer algumas palavras sobre a mulher cearense, sua educação, seu papel na sociedade.

Não são formosas como as Parahybanas, as Catharinenses, mas são sobremodo virtuosas.

Habituadas ao trabalho de casa desde a infancia, tanto as filhas das familias abastadas, como as das classes pobres, não extranham os mais pesados encargos que lhes possa trazer o casamento.

Depois do ensino domestico, são em geral educadas com esméro nas lettras e bellas artes.

Ha alli senhoras que têm nome feito como poetisas e escriptoras.

São bem conhecidas as Ex.^mas^ Sr.^as^ Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignacia de Mattos Dias, Emilia Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amelia de Paula Rodrigues, Anna Lecticia da Frota Pessôa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, e muitas outras, que honram os jornaes com os seus escriptos.

Em musica e desenho conhecemos tambem cultoras distinctissimas.

Nada mais bello, mais edificador do que a sua actividade e distincção em tudo; ellas vão sós ás compras

ao mercado, aos estabelecimentos commerciaes, aos cursos da Escola Normal, sobraçando os livros de ensino, como nos paizes mais adiantados, e por onde passam, são cercadas do respeito e das attenções da população.

E quem seria capaz de dirigir-lhes o mais leve e o mais innocente gracejo?

Ninguem; porque a mulher cearense gosa alli de veneração como em parte alguma.

Caso por exemplo uma moça pobre espôso um empregado publico ou outro qualquer individuo de pequena profissão, si por infelicidade elle adoece ou é demittido, ella sustenta e mantem a dignidade do marido, trabalhando de modo desesperado, de sorte que temos conhecido a muitas que se finaram de consumpção, exercendo serviços pesados superiores ás suas forças.

Uma cearense, de certa educação, não se deixa seduzir pela ostentação, pela riqueza, pelos deslumbramentos do luxo, não; ella está muito acostumada ás necessidades da vida, á sobriedade, ás provações da pobreza, e desde que encontre um ser que a comprehenda, que a prése, nunca leva em conta a sua infelicidade, e paga com muito amor, extremos e fidelidade os affectos do companheiro que escolheu.

Não se conhece até hoje uma moça de familia que, esquecendo os seus deveres de filha e de cearense, se entregue ao homem que a requeste somente pelo goso de emancipar-se do seu estado de pobreza ou pela falta de recursos.

São heroinas que dão de dia a dia testemunho de sua honestidade, da severidade dos costumes em que são educadas, e para ellas a menor quebra da correcção do seu procedimento é uma falta grave, que o seu sentimento religioso increpa de gravissimo.

Por isso são timidas, amantes, extremosas, porque entendem que antes de tudo cumpre-lhes zelar a sua honra, que está acima de tudo, e que Deus manda guardar como coisa sacrosanta.

A cearense tem como nenhuma outra mulher o receio

de transgredir o seu dever de esposa; dahi a sua grandeza, a paz do lar, a felicidade do casal.

Verdade é que na terra cearense têm-se dado e continuam a dar-se prostituições, mas para honra da terra, estas só se conhecem na infima classe, onde não chegou a educação.

No seio da gente limpa, felizmente, não ha um caso a lamentar.

São cercadas, repetimos, do respeito e consideração de todos, e é tão commum esta regra que, quando por qualquer motivo um homem a transgride, ella pune o seu atrevimento.

Acerca de um anno pouco mais ou menos, uma respeitavel senhora, mulher de um distincto funccionario que costumava ir ao Mercado fazer as compras pela manhan, começou a notar que um individuo a cumprimentava com toda a amabilidade, lhe apparecia em toda a parte no seu caminho.

Colheu ella afinal a certeza de que o tal a galanteava, e maguada por aquelle insulto, preparou-se para o primeiro encontro.

No outro dia ao dobrar uma esquina, foi ella se encontrando com o *cavalheiro*, que mui risonhamente lhe dá os bons dias. Sem mais preambulos, a senhora, no auge da indignação, arruma-lhe bôas vergastadas com uma chibata que havia trazido, e quasi logo, arrancando do bolso um revólver aponta-o á cara do galanteador e diz-lhe: si continuar na sua infamia, juro que lhe hei de arrancar os miolos.

O namorado não quiz mais conversa, e pôz-se ao fresco para livrar-se da curiosidade do povo, que corria de todos os lados, afim de ver e conhecer o heróe daquella comedia.

Conhecemos muitos factos identicos a este, cada qual mais especial, mais horroroso, que vêm em abono da proverbial honestidade das cearenses.

Não exageramos, affirmamos apenas este, appellando para o testemunho de uma população inteira.

No interior parece que a coisa é mais seria.

Alli não ha as seducções das capitaes, não ha a vida livre e desembaraçada das grandes cidades, o exemplo do escandalo dos grandes centros commerciaes e populosos; a vida é mais calma, mais innocente, mais primitiva, si assim nos podemos expressar.

Toda a mulher do sertão conhece perfeitamente o trabalho da lavoira, para o qual contribue com o seu valente contingente, conhece o trabalho da creação, a que presta poderoso auxilio, e sobretudo sabe nadar perfeitamente, perfeitamente montar a cavallo, e a algumas conhecemos que atiram bem a espingarda.

Alli os pontos de honra, relativamente ás senhoras, são liquidados de modo barbaro, de sorte que a falta de respeito ou consideração a uma mulher tem trazido o anniquilamento de familias inteiras.

Um marido de certa ordem não tolera que se manche o seu nome, e dahi os assassinatos, os crimes horrorosos que ordinariamente alli se praticam, e que tão terrivel nome deram aos filhos do Ceará.

Nós, porém, louvamos o seu procedimento, porque sem honra antes a morte.

Occorre-nos agora a exposição preparatoria de Chicago na Capital Federal.

Inscreveram-se para o concurso á exposição Columbiana os Estados do Amazonas, do Pará, do Ceará, de Pernambuco, de Alagôas, do Rio de Janeiro, de Minas e de S. Paulo.

Chegou o dia em que foram expostas á curiosidade publica as collecções dos Estados, que tinham quasi todos o seu representante.

Estamos ainda lembrados que a imprensa do Rio declarou alta e solemnemente que a mais variada exposição e a mais vasta havia sido a do Ceará.

Por muitos dias foi aquelle pequeno Estado apreciado por visitantes de illustração e merecimento. Os estrangeiros faziam côro com os brazileiros nos elogios á

terra da luz pela exhibição de tanta raridade, de tanto objecto de valor, digno de exploração e de estudo.

Ella se fez representar em tudo: em agricultura, arboricultura, floricultura, productos florestaes, viticultura, gado, animaes domesticos e selvagens; em diversos ramos das sciencias naturaes, como peixes, passaros, rochas, mineraes em numero de mais de duzentas qualidades, instrumentos e utensilios indigenas, curiosissimos fosseis, uma infinidade, emfim, de objectos valiosos sobre trabalhos artisticos.

A opinião publica pendeu sympathicamente para o lado do Ceará, e reconheceu a sua primazia sobre os demais Estados. D'ahi as felicitações que de dia a dia recebia o seu Presidente da parte dos jornalistas, dos homens de lettras, dos amigos do Brazil, dos patricios, de todos os que se interessavam pelo bom desempenho das commissões, que deviam representar o Brazil em Chicago.

Era realmente um mimo, uma coisa attrahente e agradavel a exposição dos productos cearenses, e quem lá os examinou deve ter guardado a mais doce impressão.

Alguns objectos do mais fino trabalho artistico foram antes expostos no estabelecimento commercial «Preço Fixo», á rua do Ouvidor, e ahi eram examinados com grande interesse pela classe mais adiantada da sociedade.

Ninguem queria acreditar que o mais pobre dos Estados da União, e o mais perseguido pela natureza, se exhibisse de modo tão completo, tão explendido como o fez.

Os filhos do Ceará, com um pequeno esforço, fizeram a sua terra competir com as demais irmans mais prosperas e mais ricas, e, ella ostentou no grande certamen a riqueza de que póde dispor no futuro, direi antes, quando se realizarem os melhoramentos de que tanto necessita, como seja sobre tudo o açude de Lavras, vantajosamente estudado pelo competentissimo engenheiro inglez Patrick O' Meara.

A exposição preparatoria no Rio trouxe, sem duvida para o Ceará muita honra, muita ufania, muita gloria.

Já elle briosamente se tinha salientado na Exposição Universal de Paris em 1889, como se viu das dis-

tincções com que foram prendados diversos cavalheiros, que nella tomaram parte a convite dos negociantes Boris Frère, residentes em Fortaleza.

Em Chicago, infelizmente, não teve o Ceará a mesma fortuna. Faltou-lhe um representante que fizesse explender no extrangeiro a historia do seu patriotismo, de sua abnegação, de sua riqueza; pois que quem apresenta a variedade de productos de valor que, naquella occasião, apresentou, tem direito a aspirar o titulo de prospero e de afortunado.

Appellamos para o futuro.

Abrimos aqui uma pagina que, si bem não a possamos applaudir pelo muito mal que causou á Republica, em todo o caso dá uma nota da energia do caracter cearense ainda na baixa classe.

Referimo-nos a Antonio Maciel, mais conhecido por Antonio Conselheiro, que tanto se celebrizou nas guerrilhas de Canudos.

Quando se falou em Canudos, e que as primeiras expedições foram rechassados nos primeiros encontros, correu logo que ao lado do Conselheiro achavam-se os mais notaveis engenheiros da Europa, e que o Conde d'Eu e outros distinctos militares dirigiam a defeza do reducto em apoio da monarchia.

Dizia-se que navios carregados de armamento dos melhores fabricantes entravam pelo Rio S. Francisco, e davam desembarque proximo a Canudos de forças sob a protecção dos monarchistas.

Dizia-se mais que era impossivel a rendição da praça de Canudos, taes eram as fortificações, a força municionada, as minas de dynamite por todos os cantos, o horror do logar aberto entre serras escarpadas, o solo semeado de espinhos e plantas agrestes que a ninguem dava passagem sinão mui difficilmente; era mais terrivel que a torre de Malakoff na Criméa.

Começou então a lucta do exercito brazileiro, dos amigos da Republica contra o fanatico Antonio Conselheiro.

O nome daquelle rebelde tornou-se tão temído que ninguem o pronunciava sem um certo arripiamento de nervos.

Tomar Canudos era impossivel. Estavam alli os primeiros guerreiros europeus, o seu armamento era dos que a arte da guerra tem de mais aperfeiçoado e mais commodo.

Caíu no combate muito soldado honrado e valente; consumiu-se enorme somma para debellar os revoltosos, e Canudo cada vez mais crescia no horror dos que tinham de defrontar com os seus atiradores.

Derramou-se muito sangue de irmãos; todos os brazileiros concorreram com o seu esforço para exterminar o inimigo da Republica; mas a hydra do monarchismo cada vez mais robustecia e exigia sacrificios dos sinceros republicanos.

Houve horas de verdadeiro desanimo.

Felizmente a pertinacia dos soldados brazileiros venceu de modo completo o fanatismo dos jagunços, e a cidade de Canudos foi tomada de assalto.

A lucta do ultimo dia faz lembrar o desespero dos heróes das Thermopylas.

Não ficou pedra sobre pedra, e a bandeira da Republica foi hasteada sobre os restos incendiados da inexpugnavel praça de guerra.

A patria ergueu-se mais gloriosa, e o general Arthur Oscar vingou solemnemente a derrota do valente Moreira Cesar.

Foi então que se veiu a saber que aquella tremenda campanha fôra promovida por um homem sem merito, sem conhecimentos, sem valor, por um fanatico o cearense Antonio Maciel.

Não se encontrou nenhum engenheiro, nem militares, homem algum habilitado, capaz de tão grande revolta, mas pobres miseraveis ao serviço do cearense fanatico, que se deixaram matar e não se entregaram.

Elle, porém, tem direito ao respeito de todos nós, porque naquella lucta batera-se com as mesmas convicções com que se bataram os revoltosos do Rio Grande, e de 6 de Setembro de 1893 os quaes no entanto foram amnistiados depois de terem feito os maiores estragos nos populações do sul e mais extorções ao erario nacional.

Após tantos factos gloriosos demonstremos que a terra das seccas se fez sempre representar como cultôra das lettras e das artes.

Ao lado dos filhos mais distinctos do paiz figuraram e figuram filhos do Ceará

Em historia patria tem escripto livros de incontestavel valor os senhores Senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Senador Luiz Antonio Vieira da Silva, Conselheiro Jeronimo Figueira de Mello, Capistrano de Abreu, Dr. José Pompeu Cavalcanti, Dr. Guilherme Studart o possuidor da mais rica collecção de documentos de que dispõe um particular no Paiz e auctor das *Datas e Factos para a Historia do Ceará*, João Baptista Perdigão de Oliveira, Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, senador Joaquim Catunda, José Arthur Montenegro e José Henrique F. de Andrade.

Tem nome como romancistas os senhores Conselheiro José de Alencar, a quem em 1.° de Maio de 1897, ergueu o povo, em homenagem aos grandes serviços que prestara ás lettras, uma estatua na praça Ferreira Vianna, na Capital Federal; Dr. Franklim Tavora, que serviu por muito tempo de Secretario do *Instituto Historico Geographico do Brazil;* Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, conhecido tambem como o primeiro critico em litteratura, Adolpho Caminha, Dr. João Adolpho Ribeiro da Silva, e Manoel de Oliveira Paiva, o primeiro que iniciou no Estado o genero naturalista.

Como jornalistas o P.e Gonçalo Ignacio de Loyolla Mororó, Dr. Joaquim Bento de Souza e Andrade, Dr

José Avelino Gurgel do Amaral, Visconde de Jaguaribe' Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Barão de Sobral, Dr. Antonio Pinto de Mendonça, Dr. Pedro Rocha, Francisco de Paula Ney, Dr. Justiniano de Serpa, Exm. D. José Lourenço da Costa Aguiar, Dr. Antonio Gomes Pereira Junior, Dr. Abel Garcia, Dr. Frederico Borges, Dr. Valdemiro Cavalcanti, P.e João Scaligero Maravalho, Dr. Samuel Uchôa, João Lopes Ferreira Filho, Dr. José Lino da Justa, o mais elegante estylista de hoje, Alcides Montano, Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos, Dr. Virgilio Brigido, Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão, Dr. Francisco Antonio Oliveira Sobrinho, Manuel Lopes Correia Lima, Dr. Gil Amora, Dr. Martinho Rodrigues, Dr. Gonçalo Souto, Dr. Americo Barreira, Dr. Bemvindo Gurgel do Amaral, P.e Alexandre Verdeixa, Francisco Bizarria, Dr. Antonio Luiz Drumond da Costa, Tiburcio de Oliveira, Dr. Benedicto Sidou, Roberto de Alencar, Tiburcio Rodrigues, Dr. Alvaro Ottoni do Amaral, Gustavo Gurgalino de Souza, Dr. Alvaro de Alencar, Julio Braga, Dezembargador Manuel Ildefonso de Sousa Lima e o Dr. Pedro Pereira de Souza Guimarães, o primeiro deputado que, em 1852, na Assembléa Geral Legislativa formulou um projecto sobre a libertação dos escravos do Brazil e que por isso soffreu os mais crueis insultos.

Como jurisconsultos os Snrs. Dr. Clovis Bevilaqua, um dos moços de mais talento e saber da geração moderna, Luiz de Miranda, Dr. Pergentino da Costa Lobo, e Virgilio Augusto de Moraes.

Como engenheiros os Snrs. Dr. Zozimo Barroso, Dr. Viriato de Medeiros, Dr. Alvaro de Oliveira, Dr. João Felippe e Candido Jucá.

Como homens de lettras os Snrs. Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, José de Barcellos, Julio Cesar da Fonseca, Conego Ulysses de Pennafort, Dr. Domingos Jaguaribe Filho, José Baptista de Castro e Silva e Dr. José Balthasar Ferreira Facó.

Como poetas os Snrs. Juvenal Galeno—o Beranger brazileiro, Livio Barreto, Antonio Salles, Alvaro Martins, Themistocles Machado, Cunha Mendes, Frota Pessoa, Quin-

tino Cunha, Antonio de Castro, Lopes Filho, Alfredo Severo, Bomfim Sobrinho, Fiuza de Pontes, Barbosa de Freitas, Joaquim de Sousa, Soares Bulcão, Antonio Ivo, Francisco de Paula Barros, o gracioso auctor do *Sonho da Creançinha*, Bernardino Gomes de Araujo, Telles de Souza, Julio Olympio, Francisco Silverio, Rodolfo Brigido, Antonio Martins, o poeta do abolicionismo, Julio Taboza, Antonio Lafayette, o *Byron da Canalha*, como o chamou o C.el João Brigido, Xavier de Castro, Fernando Weyne, Eurico Facó, Enéas Affonso, Pedro Munis, Bruno Barbosa e José Coreolano Correia Lima.

Como *conteurs* os Snrs. Arthur Theofilo, José Carvalho, Francisco Carneiro, Eduardo Saboya, Vianna de Carvalho, José Martins, Jovino Guedes, Joaquim Carneiro, Gervasio Nogueira, Ulysses Bezerra, Cabral de Alencar, Thiago Ribas, Francisco Mattos, Ayres de Miranda, Joaquim Fabricio, Tiburcio de Freitas, Mamfredo Affonso, José Nava, Pedro Catão, Carlos Victor e Carlos Severo.

Como medicos os Snrs. Dr. José Cardoso de Moura Brazil, o primeiro oculista do paiz, Barão de Saboya, antigo director da Academia de Medicina do Rio, Dr. Manoel de Sá Barreto Sampaio, Dr. Francisco Peregrino Viriato de Medeiros e Dr. José Lourenço de Castro e Silva, o velho.

Como advogados os Snrs. Dr. Alvaro Caminha, Dr. João Pinto Damasceno, Dr. Theodoreto Carlos de Farias Souto, Leandro Chaves de Mello Ratisbona, e Conselheiro Raymundo Ferreira Lima.

Como philologos os Snrs. Dr. José Sombra, Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra, José Joaquim Telles Marrocos, Raymundo Leopoldo Coelho de Arruda, Fausto Barreto e o Protonotario apostolico Rvd. Bruno Rodrigues da Silva Figuerêdo.

Como naturalistas os Snrs. Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro, o fundador do nosso pequeno Museu Zoologico, da Escola Normal, Catão Mamede e Francisco Dias da Rocha, o proprietario de um mimoso gabinete, onde se encontram curiosissimos spécimens de ornithologia, ichthyologia,

malacologia, conchyliologia, entomologia, em uma palavra, raridades dos diversos ramos de Zoologia, Mineralogia e Ethnologia.

Como philosophos os Snrs. Dr. Raymundo de Farias Brito, e Raymundo Antonio da Rocha Lima, o maior genio que já produziu a terra de Iracema.

Como publicistas os Snrs. Senador Vicente Alves de Paula Pessoa e Des.[or] José Furtado de Mendonça.

Como economista o Conselheiro José Liberato Barrozo.

Como financeiros os senadores Castro e Silva e Liberato de Castro Carreira.

Como criminalista o Dr. Pedro de Queirós.

Como oradores sacros os Rvds. Dr. José Antonio Pereira Ibiapina, o apostolo dos sertões do norte, Conego Antonio Pinto de Mendonça, P.[e] Constantino Gomes de Mattos, Monsenhor José Pereira da Graça, Conego Raymundo Francisco Ribeiro e P.[e] Valdevino Nogueira

Como musicos os Snrs. Alberto Nepomuceno, Rodolfo Bellini, actualmente em Milão, Joaquim Bernardes de Mendonça, Manoel Magalhães, Frederico Severo e Zacarias Gondim, auctor do interessante escripto *Noticia sobre a musica e dança dos indios da America do Sul.*

Como pintores e desenhistas os Snrs. José Irineu, Antonio Rodrigues, Luiz Sá e Raymundo Ramos, principalmente o segundo que é dotado de enorme talento.

Como xilographistas os Snrs. Odorico de Moraes e Nicephoro Moreira.

Com estes e outros o Dr. Guilherme Studart, no seu interessante *Diccionario Bio-bibliographico*, tem arrolado cerca de oitocentos nomes de cearenses que se distinguiram nas lettras.

Deixamos de considerar os Drs. Marcos de Macedo, C.[el] João Brigido, Pedro Theberge, Henrique Theberge, Rodolpho Theophilo, o auctor do precioso livro *Historia da secca do Ceará* e de outras diversas obras de merito, e Antonio Papi Junior, que escreveu o bellissimo romance *Simas*, por não terem tido o seu berço naquella

bôa terra; entretanto sabemos que elles amam-na com os excessos de filhos e de filhos os mais extremosos.

E' muito provavel que tenhamos esquecido nomes de cearenses illustres, residentes na Capital Federal e nos Estados, que de momento não nos podemos lembrar,

Todos aquelles acima indicados são bem conhecidos. sobre tudo pelos livros que têm publicado.

Os filhos do Ceará de dia a dia se salientam em qualquer situação ou ramo de conhecimentos humanos.

Ainda agora é sabido que em Abril deste anno, (1898) doutorou-se em medicina na Capital Federal o sr. José de Figueirêdo Rodrigues, natural de S. Quiteria, no Ceará, recebendo todos os premios que concede a Academia, pelas notas que havia tirado durante o curso.

O sr. Rodrigues obteve distincção em todas as materias que constituem os annos da Academia, e a excepção de dois preparatorios em que sahiu-se plenamente, nos mais conseguiu sempre aquella nota.

Havia já talvez dezeseis annos que nenhum brazileiro se distinguira de modo tão brilhante para merecer tamanha distincção.

E' incontestavelmente uma gloria da terra das seccas.

Com a publicação deste estudo só tivemos em mira demonstrar com dados incontestaveis, que o Ceará tem concorrido tanto ou mais que outro qualquer Estado para o engrandecimento e prosperidade do Brazil.

Pode entrar ahi um pouco de vaidade, nada mais ; no entanto força é confessar que é ella justificavel.

Somos brazileiro, e tanto é patria nossa o Ceará, como o Amazonas, como São Paulo, como Rio Grande do Norte, como este ou aquelle Estado.

Não nos cabe a pecha de bairristas porque advogamos os direitos da terra do berço e dos patricios, pois ufanamo-nos quando se reconhece que desenvolve-se um Estado auxiliado pelo concurso daquella terra tão infeliz.

No entanto seus filhos não são compensados na razão do seu sacrificio.

Ao contrario empresta-se-lhes defeitos que nunca tiveram.

Amamos de coração ao Amazonas pela delicadeza e hospitalidade que sabe dispensar a todos aquelles que lhe pedem trabalho, conhecendo que aqui tem logar para os que já vieram e para milhares que hão de vir ainda.

E' uma das terras de mais recursos do Brazil, sabido como é que abundam os productos naturaes, que constituem a riqueza do seu solo.

As condições de vida são facilimas, e esta talvez seja a causa do retardamento do seu maior progresso. Onde o homem não se esforça para conseguir a subsistencia, aninha-se ahi a indolencia.

A caça e a pesca em quantidade prodigiosa em toda esta immensa região attrahe habitadores, mas a commodidade modifica-lhes o ardor ao trabalho e pouco e pouco se lhes arrefece a ambição da riqueza.

Nunca nos oppuzemos á emigração para o Amazonas, e actualmente que grande parte do seu territorio se acha descoberto e povoado, entendemos que custará menos sacrificios aos cearenses do que outro qualquer Estado, onde têm elles que explorar as terras e affrontar as molestias do clima.

O norte é o norte, e o filho desta zona só se acostuma em clima identico ao seu, razão porque elle prefere o mais vizinho e onde conhece já as condições em que vae viver.

Sabemos que o governo do Estado tem despendido grandes sommas com a nova colonia «José Ramalho», e que não se poupa a despezas para bem accommodar os emigrantes que procuram o prodigioso valle do Amazonas.

Somos gratos ao modo generoso por que são alli tratados os nossos patricios, e só temos palavras de agradecimento para aquelles, que se condoem do estado lastimavel e excepcional, porque está passando a terra de Alencar, ameaçada até agora de terrivel calamidade.

Concluindo este pequeno trabalho, escripto ligeiramente rendo aqui as minhas sinceras homenagens aos homens de bem deste Estado, e prometto que serei eterno divulgador dos crimes dos bandidos do interior, que se locupletam com o trabalho alheio, e que acobertados com as garantias que lhes dá a riqueza adquerida por meio do furto e do assassinato, zombam impunemente da justiça, do governo do Estado, de todos, enfim, que se enojam da sua miseria.

Manáus, 1.° de Dezembro de 1898.